

UM COMERCIANTE DO CICLO DO AÇÚCAR
PAULISTA: ANTÔNIO DA SILVA PRADO
(1817-1829) (II).

(Continuação).

MARIA TEREZA SCHORER PETRONE
Professora-assistente da Cadeira de História da Civilização Brasileira da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

III). — *O Açúcar em Santos.*

Uma das figuras mais importantes, senão a mais importante no comércio do açúcar, por parte de Antônio da Silva Prado, era o correspondente em Santos. Correspondente, como se dizia na época, era uma espécie de comissário que se encarregava de receber, beneficiar, encaixar ou ensacar e embarcar o produto no pôrto. Era pois uma personagem decisiva no mecanismo da exportação. Pelas cartas conservadas percebe-se que devia existir em Santos um número relativamente grande de beneficiadores de açúcar trabalhando para os comerciantes.

Ao iniciar seu negócio de açúcar Antônio da Silva Prado servia-se ali de vários correspondentes. Em setembro de 1818, escrevia aos senhores de engenho e intermediários do interior que mandassem os condutores procurá-lo em São Paulo, visto que não tinha ainda destino certo em Santos (159). Em novembro de 1817, mandara remessas a José Otávio e Nébias (160). Em 1818 enviou açúcar a diversos beneficiadores em Santos: Eugênio de Andrade, do qual soube que receberia seu açúcar (161), Manuel Pinto da Silva (162) que só beneficiaria 4.000 arrôbas; a João J. da Cruz Barros (163)

(159). — *Coleção Antônio da Silva Prado*, 18, f. 148, 7 de setembro de 1818; f. 145, 2 de setembro de 1818.

(160). — *Idem.*, 18, f. 76, 21 de novembro de 1817.

(161). — *Idem.*, 18, f. 82, 13 de janeiro de 1818.

(162). — *Idem.*, 18, f. 150 vs., 23 de setembro de 1818.

(163). — *Idem.*, 18, f. 150 vs., 23 de setembro de 1818.

e, finalmente, a Cipriano da Silva Proost que se vai tornar o mais importante e, praticamente, o único recebedor nos anos seguintes. A partir de fins de 1818, Cipriano da Silva Proost, é o único correspondente de Antônio da Silva Prado em Santos. De sua atuação dependia o sucesso do comércio de açúcar de Prado. As primeiras referências a Proost datam de julho de 1818 (164) e amiam-se cada vez mais, com o correr do tempo. Sõmente em março de 1820 surge notícia de outro beneficiador de quem se serve Antônio da Silva Prado, além de Proost (165). Parece que no correr da safra de 1818-1819 Prado e Proost fizeram um trato, segundo o qual, aquê se serviria só dos serviços do segundo. Este, por sua vez, prometeu receber açúcar só do futuro Barão de Iguape (166). Como, entretanto, Proost continuasse depois a receber açúcar de outros, Antônio da Silva Prado ameaça, por sua vez, de se servir também de outros beneficiadores. Isso não aconteceu, pois, pela correspondência, percebe-se que todo açúcar dêsse comerciante vai para os armazens de Proost (167). Prado chega mesmo a aconselhar outros comerciantes, a que procurem os serviços de Proost. Em janeiro de 1819 escrevia Proost que já que êsse afirmava "q tem pouco assucar alem do mêu para beneficiar e q' eu não sofrerei prejuizo demora no beneficio pr ter escravatura suficiente p. a tal trabalho desde já lhe afirmo q' não darei a outra pessoa assucar de m/c" (168).

Prado adquiriu confiança em Proost, de modo que resolveu fazer concentrar em suas mãos todo o açúcar destinado à expostação. Em setembro de 1819, escrevia ao correspondente no Rio de Janeiro: "Te o prez. e tenho me dado mto bem co a correspondencia com seo Comp e nosso amo Capm Cipriano da Sa Proost e por isso nunca mudaria pa outro não só pr não ter razão pa tanto como pr

(164). — *Idem.*, 18, f. 126, 7 de julho de 1818. Costa e Silva Sobrinho, em *Romagem pela Terra dos Andradas* (p. 55-56), narrando a viagem de Varnhagen a São Paulo, em 1840, fala na casa de Cipriano da Silva Proost, próxima à ponte do Casqueiro. Era um dos abastados negociantes de Santos, pois exportava generos do país e possuía inúmeros prédios urbanos.

(165). — *Col. A. S. P.*, 19, f. 204, 12 de maio de 1820.

(166). — *Idem.*, 19, f. 34, 20 de janeiro de 1819: "Sei q vmce recebe mtos assucares alem dos meus, e pr isso não deve se scandalizar de eu dar algua porção a outrem, não só pr q' o tratemos não dar algua porção a outrem, não só pr q' hé impossivel vm' beneficiar tanto assucar em hu so tempo, pois vejo q o Tio Jordão não costuma ter mais assucar de q a porção q eu tenho e posto q não receba de pessoa algua contudo no decurso do anno não sobra tempo pa outra coiza, e a hir indo assim terei assucar pa 2 as".

(167). — *Idem.*, 20, f. 86, 25 de agosto de 1821.

(168). — *Idem.*, 19, f. 39, 25 de janeiro de 1819.

não ser do meo genio andar experimentando a todos, pois com aquelle com qm principio devo acabar, e este hé o meo sistema” . . . “pr isso inda qdo não fosse do seo agrado a continuação de ma correspondencia com o do seo compe não me estava bem passar pa outro pr q mtas vezes formão opiniões q possam desacreditar e mais satisfeito fico pr saber tambem de sua vontade” (169).

Proost recebia em Santos o açúcar que os condutores traziam dos engenhos e assinava as guias de recebimento. Sua tarefa em seguida era beneficiar, inclusive enxugar, ensacar ou encaixar, vender ou embarcar o açúcar para o Rio de Janeiro, Bahia ou outros portos. Prado pagava o beneficiamento, o acondicionamento e o embarque. O correspondente, deveria ser, necessariamente, indivíduo de confiança, pois, dêle dependia a conferição do pêso e da qualidade do açúcar recebido dos engenhos e do embarcado. Acresce ainda que Antônio da Silva Prado nunca chegava a ver o açúcar com o qual negociava. Em tudo dependia de seu correspondente de onde o notável volume de sua correspondência com Cipriano da Silva Proost.

Apesar de concentrar todo açúcar nas mãos de Proost, não quer dizer isto que de vez em quando não chamasse a atenção para uma série de descuidos. Às vêzes, chegava açúcar de má qualidade ou de pêso inferior ao mercado nas guias, ou, então havia pouco zêlo no encaixamento do produto destinado à exportação. Assim, em 1819 recebeu Prado uma queixa sôbre certa remessa. A seu correspondente na Bahia respondera “gra desculpar me o hir assucar redondo de má qualidde pois esta culpa não hé ma, estou nesta Cide e posto q compre mto assucar nunca chego a velo pr q dos Engos vão remetidos ao meu correspondente em Stos e este hé q obrou mal” (170). Imediatamente advertiu Proost sôbre êsse despeito. Em outra ocasião, teve problemas com o pêso de açúcar enviado ao Rio de Janeiro, que não conferia com o mercado nas caixas. O correspondente no Rio de Janeiro escreveu-lhe a respeito: “os assucares em sacos conferio pelo pezo de Stos, o q’ não aconteeo no das Caixas, pr q todo o pezo, q’ não chega a arroba certa fica em meia arroba, e o q’ não passa de meia arroba fica em arrobas certas” . . . (171). Assim sendo, sofreria serios prejuízos e advertiu Proost.

O correspondente em Santos, também tinha açúcar para negócios próprios. Proost chegou inclusive a comprar açúcar de Antônio

(169). — *Idem.*, 19, f. 129 vs., 1 de setembro de 1819.

(170). — *Idem.*, 19, f. 106 vs., 23 de janeiro de 1819.

(171). — *Idem.*, 19, f. 20, 20 de janeiro de 1818.

de Silva Prado que, muitas vezes, o aconselhava sobre o modo de agir nesse comercio.

O açúcar que chegava a Santos era armazenado e, às vezes, imediatamente beneficiado e encaixado. Às vezes, entretanto, o correspondente esperava ordens de Antônio da Silva Prado para fazê-lo. Na correspondência encontramos inúmeras recomendações para o beneficiamento do açúcar de determinadas guias. Quando ia muito úmido era preciso primeiro, secar: “o assucar da guia nº 50 pode beneficiar e o da 55a. qra enxugalo e avizame do qto quebrou” (172). Quando ia muito açúcar o comerciante avisava ao correspondente para que não perdesse tempo em beneficiá-lo. A correspondência está cheia de recomendações sobre beneficiamento e acondicionamento.

O beneficiamento e outras despesas em Santos contribuíam para encarecer o produto, diminuindo o lucro. Proost cobrava por esse beneficiamento 120 réis a arrôba quando o acondicionamento era feito em sacos e 160 réis quando em caixas. Além disso, as outras despesas corriam ainda por conta do comerciante (173). Com outro beneficiador, para o qual no início mandara açúcar, combinara o pagamento de 200 réis a arrôba em sacos e 240 réis em caixas. Esse preço aparentemente é mais alto do que o pago a Proost, mas isso se deve a que nele estavam incluídas todas as “dispezas como a passagem do Cubatão e os 40 reis de sahída” (174). Na realidade as despesas com o açúcar beneficiado por Proost eram iguais a essas últimas. Em outubro de 1819 Antônio da Silva Prado creditou a Proost 53\$600 réis de benefício e contrato de 268 arrôbas de açúcar em sacos embarcados para o Rio de Janeiro (175). Em 15 de março de 1819 creditava 68\$640 réis por 6 caixas com 286 arrôbas de açúcar “de benefício e mais dispezas” (176). Isso daria 200 réis por arrôba de açúcar em sacos e 240 réis em caixas (177). As referências às despesas são inúmeras na correspondência, mas nem sempre vão acompanhadas da quantidade de açúcar beneficiado. Quando este era vendido no próprio pôrto de Santos, as despesas do comer-

(172). — *Idem.*, 19, f. 103 vs., 15 de junho de 1819.

(173). — *Idem.*, 19, f. 319 vs., 1 de dezembro de 1820.

(174). — *Idem.*, 18, f. 150 vs., 23 de setembro de 1818.

(175). — *Idem.*, 19, f. 161, 29 de outubro de 1819.

(176). — *Idem.*, 19, f. 64 vs., 15 de março de 1819.

(177). — Às vezes, as despesas eram ligeiramente menores. A 12 de novembro de 1818, creditava a Proost, por exemplo, 37\$360 réis pelo beneficiamento de 165 arrôbas de açúcar em caixas, o que daria 220 réis por arrôba (*Idem.*, 18, f. 184).

ciante eram bem menores, pois, ao que parece, era sempre vendido em sacos. O “beneficiamento e contrato” nesse caso, era de 160 réis por arrôba. O “contrato” era o do impôsto da Contribuição Literária da Marinha que correspondia a 40 réis para cada arrôba de açúcar embarcado (178). Provavelmente, devido aos gastos menores, a ausência de pagamento de frete para o Rio de Janeiro, além de outras despesas e a maior facilidade de venda, Antônio da Silva Prado resolveu abandonar pouco a pouco a exportação para o Rio de Janeiro e vender o açúcar em Santos mesmo. Não conseguimos perceber se nas cifras pagas ao correspondente pelo beneficiamento havia parte correspondente à comissão por encontrar compradores em Santos. O fato de serem menores as despesas para o açúcar vendido naquele pôrto, parece indicar que no comércio desta época ainda não se cogitava de comissões (179).

Vimos que ficava mais em conta o acondicionamento em sacos do que em caixas. O mercado, entretanto, aceitava com maior facilidade o açúcar em caixas. Antônio da Silva Prado mandava acondicionar o açúcar em sacos ou em caixas, segundo as preferências do mercado a maior ou menor disponibilidade de madeira em Santos. No seu primeiro ano de comércio de açúcar pedia ao correspondente “q’ pr hora desejava fosse encaixado estes primeiros asucares pr q’ segundo aviso do Rio convem mais agora hir encaixado”, mas daí por diante, também poderá ir em sacos (180). Isso mostra que então, o acondicionamento em sacos, já não devia constituir exceção. Neste ano exportou açúcar para o Rio de Janeiro em sacos e caixas. Também enviou à Bahia açúcar em sacos “pr q’ em Santos não há madeira das prez. e pr dro algum e pr iso tudo vae pa o Rio em Sacos de pano de algodão q levão mais ou menos 4 arrobadas cada hum” ... (181). A falta de madeira para caixas deve ter sido bastante aguda naquele ano, pois comenta: “a falta de caixas tem feito grande tortura e pr isso tenho especulado mandar em sacos asucar pa a Bahia a ver o q’ acontece” (182). Devido a êsse problema dava ordens para se acondicionar o açúcar branco

(178). — *Idem.*, 18, f. 135 vs., 31 de julho de 1818. Em outubro de 1820, creditava ao correspondente 53\$760 réis de beneficiamento e contrato por 84 sacos com 336 arrôbas de açúcar (*Idem.*, 19, f. 298, 11 de outubro de 1820).

(179). — Uma única vez se fala em determinada cifra de “comissão e mais despesas”, tratando-se de embarque de açúcar para um amigo de Antônio da Silva Prado. (*Idem.*, 19, f. 7 vs., 8, 1 de dezembro de 1818). Antônio da Silva Prado escreveu a seu correspondente, no Rio, que pagava ao correspondente em Santos Fr. Eugênio “hú tanto de cada sacco, q peza qdo se embarca”. E’ a única referência a um pagamento dêste tipo (*Idem.*, 18, f. 127, 21 de julho de 1818).

(180). — *Idem.*, 18, f. 76, 21 de novembro de 1817.

(181). — *Idem.*, 18, f. 82 vs., 1 de janeiro de 1818.

(182). — *Idem.*, 18, f. 86 vs., 31 de janeiro de 1818.

em caixas de 50 arrôbas e o de qualidade inferior em sacos (183). Além de faltar madeira parece que também contribuiu para o uso de sacos, “de ter mais extracção de q’ em caixas” no Rio de Janeiro durante certo tempo (184).

Os sacos eram mandados de São Paulo para Santos. Em janeiro de 1818 mandou Prado 26 sacos de pano de algodão a seu correspondente (185), em junho mandou mais 35 sacos, prometendo enviar mais (186). Parece que não durou muito a preferência no Rio de Janeiro pelo açúcar em sacos, pois, na safra de 1818-1819 o comerciante pede a Proost que procure “conseguir maior embarque principal de caixas, q ora se achão com maior extracção” (187). Mas, logo em seguida, vai notícia para só mandar açúcar em sacos (188). Em seguida, não se encontram mais referências à preferência por êste ou aquêle acondicionamento. Fazem-se embarques em sacos e em caixas, predominando talvez as últimas.

O açúcar embarcado, além de ir com a marca AP, ainda tinha a indicação da qualidade e quantidade. Algumas vêzes, recomendava-se a Proost que não omita estas indicações. Em março de 1819, por exemplo, recomenda Prado que certo açúcar muito bom e caro “leve a diviza afim de obter maior preço” (189). Outro açúcar bom devia ir em “sacos e separado, pr q sem duvida deve obter maior preço” (190).

O correspondente em Santos, além de beneficiar o açúcar e providenciar o embarque, ainda tinha outras atribuições: procurar os fretes mais vantajosos para o Rio de Janeiro, vender, comprar ou trocar açúcar naquele pôrto, dar informação sôbre os preços etc. Certa vez teve de procurar açúcar emprestado, pois Antônio da Silva Prado queria enviar certa quantidade à Bahia e ainda não tinha do seu a disposição no pôrto. Proost conseguiu tomar emprestadas 220 arrôbas no armazém de um beneficiador que o recebia do tio de Antônio da Silva Prado, Manuel Rodrigues Jordão. Como depois não quisesse o beneficiador receber o açúcar, Prado escreve a Proost: “Mostrei a resposta q lhe deo o Sr Braga à meu tio Jordão e este me dice q’ era bastante eu desse outro assucar sendo de melhor qualide q eu tenha” (191).

(183). — *Idem.*, 18, f. 82, 13 de janeiro de 1818.

(184). — *Idem.*, 18, f. 127 vs., 11 de julho de 1818.

(185). — *Idem.*, 18, f. 84-84 vs., 28 de janeiro de 1818.

(186). — *Idem.*, 18, f. 121 vs., 24 de janeiro de 1818.

(187). — *Idem.*, 19, f. 58, 2 de março de 1819.

(188). — *Idem.*, 19, f. 110 vs., 7 de julho de 1819.

(189). — *Idem.*, 19, f. 72 vs., 30 de março de 1819.

(190). — *Idem.*, 19, f. 55, 24 de fevereiro de 1819.

(191). — *Idem.*, 19, f. 7 vs., 1 de dezembro de 1818; 19, f. 2, 24 de novembro de 1818.

A venda de açúcar para os barcos também ficava a cargo de Proost. Antônio da Silva Prado escrevia em novembro de 1818 a Proost para que êste mostrasse ao capitão e caixa do bergantim “Voluntário” a quantidade de que dispunha em Santos “não só os q se achão encaixados como os q está beneficiando e qdo agrade aos dos snres pode entregar a porção q quizerem”. Logo em seguida, insiste para que “faça toda diregenc pa ter effeito este negocio”. Queria resolver a venda para não perder oportunidades de enviar açúcar ao Rio de Janeiro, caso êsse negócio não desse certo (192).

Quando os negócios de açúcar no Rio não iam bem, Antônio da Silva Prado dependia ainda mais de seu correspondente em Santos, pois êste tinha de procurar compradores e ajustar com êles a transação. Apesar de escrever, em novembro de 1818, que do Rio de Janeiro “as noticias dos assucares são as peores possiveis” (193), continuava a enviar para lá a maior parte. Em julho do ano seguinte, entretanto, pede a Proost “o favor de ver se pode ahi vender algum assucar” . . . “coisa que vá chegando ao menos pa as despezas q vm” ahi faz, visto q’ no R^o nada se vende e não sei o q será” (194). Continua recomendando a Proost “se tiver ocasião de fazer alguma venda de assucar nessa nunca perca ocazião, achando q convem vender” (195).

Em junho de 1819, Proost vendeu 160 arrôbas de açúcar redondo, o que foi muito do agrado de Antônio da Silva Prado (196). Daí por diante amiudam-se as notícias de vendas em Santos. Em agosto de 1819 depois de algumas dessas vendas, Antônio da Silva Prado escrevia a seu correspondente: “Estimarei tenha lugar a venda dos 130 sc de assucar branco e não se me oferece duvida em dispor o novo ficando satisfeito com aquillo q Vm” fizer e rogo-lhe fique a seu cuidado ver se vende mais algumas porções pois hé melhor” . . . “do q mandar para o Rio e perder” (197). Em maio de 1820, escreve-lhe: “sempre foi bom conseguir o ajuste das 10 Caixs com Mel Anto pr q o assucar vai a cahir na maior desgraça o q lhe deve servir de governo pa não perder tempo em promover a venda dos seos” (198).

Pela correspondência pode-se ver que, no ano de 1819-1820 vendeu muito açúcar em Santos, mas não se conseguia saber o volume de tais vendas, pois há referências apenas a caixas e sacos vendi-

(192). — *Idem.*, 19, f. 2, 24 de novembro de 1818; 19, f. 7 vs., 1 de dezembro de 1818; 19, f. 11, 9 de dezembro de 1818.

(193). — *Idem.*, 18, f. 188, 18 de novembro de 1818.

(194). — *Idem.*, 19, f. 110 vs., 7 de julho de 1819.

(195). — *Idem.*, 19, f. 159, 23 de outubro de 1819.

(196). — *Idem.*, 19, f. 103 vs., 15 de junho de 1819.

(197). — *Idem.*, 19, f. 126 vs., 23 de agosto de 1819.

(198). — *Idem.*, 19, f. 128, 9 de maio de 1820.

dos, sem menção do pêso. Ao contrário do que acontecia no Rio de Janeiro, onde era difícil vender o açúcar, em Santos “se acha a maior parte apurado e parte a vencerem os prazos pr q’ forão vendidos” (199).

Na safra seguinte continua a vender açúcar em Santos e seu correspondente pretende comprar 5.000 arrôbas. Prado aceita a oferta com as seguintes condições: “o prêmio de 12% sôbre o custo nos engenhos, depois q recebe a ultima condução e outra metade a pagar me a tres meses ao depois de recebido todo o assucar” (200). Proost queria prazo mais longo, mas Antônio da Silva Prado só aceitou a oferta para três meses, pois “ja a mais de dous mezes q estou no desembolso de rs 3:600\$ q tenho dado por conta do do assucar, posto q ja vão passando algumas conduções contudo alguns restos ficam mto pa tarde e pr a oferta q me faz vem a equilibrar o premio q indispençavelme ei de pagar do dr despendido” (201). A condução seria paga por Proost. Na realidade, Antônio da Silva Prado não tinha comprado somente o açúcar vendido ao correspondente, pois, durante êsse ano, continuou a vender em Santos. Em março de 1821, pedia a Proost que vendesse todo o açúcar redondo e mascavo “pelo maior preço q pode obter qdo achar occazm oportuna” (202).

Aborrecendo-se cada vez mais com os negócios de açúcar no Rio, onde os preços caíam e onde o produto paulista ficava esperando compradores por muito tempo, preferia vender em Santos o seu açúcar. Em outubro de 1821, quando a safra nova já ia descendo para Santos, recomenda a Proost que “logo que for chegando va sendo vendido ahi mmo pelo que correr ao depois de beneficiado, e lembra me o tal Campm do porto, ou outro qualquer q o porque a dro pois hé o que eu qro, e pouco me importa ganhar mais ou menos e pa o Ro nem hua libra” (203). Nessa época, interessa-se em mandar açúcar para o Sul, principalmente para Pôrto Alegre (204). Continua vendendo em Santos e pede “veja q’ tal o negocio q se estima ganhar 100 rs em arroba de assucar branco e assim são todas prezemente o melhor negocio hé não negociar e eu estou nisso: se houver occazm de venda, não perca, pois pa o Ro não mando pr fra alguma, e sim pa Porto Alegre, qdo haja embarcação” (205).

(199) . — *Idem.*, 19, f. 273, 21 de agosto de 1820.

(200) . — *Idem.*, 19, f. 298, 11 de outubro de 1820.

(201) . — *Ibidem.*

(202) . — *Idem.*, 20, f. 24, 23 de março de 1821. O açúcar mascavo e redondo eram sempre os que sobravam tanto em Santos como no Rio.

(203) . — *Idem.*, 20, f. 106, 10 de outubro de 1821.

(204) . — *Idem.*, 20, f. 118, 8 e 14 de novembro de 1821.

(205) . — *Idem.*, 20, f. 121 vs., 14 de novembro de 1821.

Antônio da Silva Prado estava aflito para vender o açúcar que tinha em Santos e recomendava a Proost um comprador- “pois desejo mto me ver livre do pouco assucar q’ tenho este anno” (206). Naquela época o comerciante só queria saber do açúcar bom; o de má qualidade devolvia-o ao senhor de engenho. Neste caso, não raro, o senhor de engenho pedia a Proost que procurasse compradores para êste açúcar devolvido. Assim, aconteceu com o de Joaquim Aranha de Camargo, que Antônio da Silva Prado devolveu e que depois Proost vendeu por conta do senhor de engenho. (207).

De outro lado, apesar de preferir, em certas épocas, vender o açúcar em Santos, Antônio da Silva Prado também chegou a comprar o produto alí, justamente para ser remetido ao Rio. Em janeiro de 1820, época em que já vendia muito açúcar em Santos, sabendo que se vendia a 1700 e tantos réis a arrôba, pediu a Proost “q’ achando ahi até 1:000 as de assucar branco em sacos, que fique embarcado até o preço de 1 800 reis gra comprar pr m/c e fazer logo imediatamente embarcar pa o Rio e entregar ao Lirio” (208). Naquele mês, foram para o Rio de Janeiro, além das 1.000 arrôbas, outras porções de açúcar compradas em Santos “pr não aturar os Snr de Engo dão assucares m.to inferiores” como justificava Antônio da Silva Prado a seu correspondente no Rio as compras em Santos (209).

Em outra ocasião pretende comprar açúcar em Santos pagando a dinheiro, para depois revendê-lo aí mesmo, recebendo com um prazo de seis meses. Pede a Proost que procure fazer o negócio desde que se obtenha um lucro de 200 réis por arrôba (210).

Não se percebe pela correspondência quem comprava o açúcar em Santos, o qual evidentemente não se destinava só ao consumo local. Em um ou outro caso trata-se de capitães de navio, não ficando claro se êsses agiam por conta própria para exportar o produto ou se funcionavam como intermediários de comerciantes de outros portos, do Rio, por exemplo. Em muitos casos os compradores são do Sul ou mesmo do Prata. Também temos notícia da venda de açúcar para um bergantim inglês em março de 1820. O bergantim conseguiu reunir com muita dificuldade 2.000 arrôbas de açúcar, pois, naquela época era muito fácil vender o produto, tanto mais quanto várias embarcações de Montevidéu e Buenos Aires vieram procurá-lo. An-

(206). — *Idem.*, 20, f. 126, 21 de novembro de 1821.

(207). — *Idem.*, 20, f. 129, 19 de dezembro de 1821.

(208). — *Idem.*, 19, f. 174, 5 de janeiro de 1820.

(209). — *Idem.*, 19, f. 186 vs., 28 de janeiro de 1820.

(210). — *Idem.*, 19, f. 224, 4 de maio de 1820.

tônio da Silva Prado vendeu ao bergantim inglês 109 sacos com 840 arrôbas e 30 libras de açúcar branco (211).

Interessou-se também no comércio de escravos e na embarcação que êle e outros enviaram em 1821 a Moçambique, também ia açúcar de sua conta. Ao que parece não foi pouco êsse açúcar. A correspondência entre o comerciante e Proost a êsse respeito é intensa. Prado pede ao correspondente que entregue ao capitão do barco “todo o assucar brco existente em seo poder e de conta de meu Tio Campmor Eleuterio não só as 527 as como o maiz q’ for hindo avisando-me Vm” do total numero de as”. Para completar a quantidade, comprou ainda mais açúcar em Santos (212).

O preço do produto em Santos era naturalmente uma das causas da preferência dada à venda do açúcar naquele pôrto e não no Rio de Janeiro. Quando Antônio da Silva Prado começou a negociar com açúcar o preço ainda era relativamente baixo. Com o tempo, talvez por haver aumentado o número de compradores, foi aumentando aos poucos. Em 1818 (novembro), o açúcar branco custava em Santos 1.520 réis, enquanto o produto paulista no Rio de Janeiro nem alcançava 2.000 réis por arrôba (213). E’ essa a primeira referência ao assunto que encontramos.

No fim da safra de 1818-1819 os preços já devem ter subido pois, em junho de 1819, a arrôba de açúcar redondo custava naquele pôrto 1.600 réis (214). Em julho o açúcar branco chegara a 1.920 réis a arrôba, e Antônio da Silva Prado recomendava não vender açúcar a preço inferior, pois a 1.800 tinha prejuízo (215). Nesse fim de safra foi mais fácil vender ali o açúcar redondo e mascavo, coisa que também se deu no Rio de Janeiro (216).

Em agôsto de 1819 recebeu 1.920 réis por arrôba de açúcar no armazem, em troca de 50 barricas de farinha de trigo. Logo em seguida, entretanto, recebeu sòmente 1.560 réis por arrôba do redondo (217). Trata-se ainda de açúcar da safra anterior. Já da safra de 1819-1820, conseguiu 1.880 réis por arrôba do branco (218). Antônio da Silva Prado vendeu em São Paulo, para serem retirados

(211). — *Idem.*, 19, f. 202 vs., 10 de março de 1820; 19, f. 204, 12 de março de 1820. A essa carga ainda se pode somar 115 arrôbas que eram do seu tio Eleutério da Silva Prado.

(212). — *Idem.*, 20, f. 24, 23 de março de 1821. Trata-se da segunda viagem para Moçambique. A primeira foi realizada em 1820, voltando a embarcação em janeiro de 1821. Essas viagens foram organizadas por vários negociantes, sendo Antônio da Silva Prado, o caixa da sociedade.

(213). — *Idem.*, 18, f. 183, 12 de novembro de 1818.

(214). — *Idem.*, 19, f. 103 vs., 15 de junho de 1819.

(215). — *Idem.*, 19, f. 113, 13 de julho de 1819.

(216). — *Idem.*, 19, f. 121 vs., 3 de agôsto de 1819.

(217). — *Idem.*, 19, f. 126 vs., 23 de agôsto de 1819.

(218). — *Idem.*, 19, f. 134 vs., 7 de setembro de 1819.

do armazém em Santos, 500 arrôbas pelo preço de 1.920 réis a arrôba do branco e 1.600 a do redondo (219). Os preços continuam nesses níveis pois em setembro recebeu 1.920 e 1.950 réis (220). E' interessante observar a elevação dos preços em Santos a partir de novembro de 1818 até fins de 1819. Esta elevação constituiu fenômeno curioso, difícil de explicar, mormente porque o preço no engenho tinha diminuído a partir do começo da safra 1819-1820. Como já vimos os preços no engenho eram de 900, 960 ou 1.050 réis por arrôba de açúcar branco. Numa carta que Antônio da Silva Prado escreveu a Manuel Moreira Lírio no Rio de Janeiro, talvez encontremos a explicação para a elevação de preço em Santos. Comprou açúcar ali, e "já ao depois de estarem embarcados subiu de preço este gênero em Stos a 200 rs em a pr q achan varias embarcações a carga pa Montevideu alem de duas pa o pôrto e hua pa Lisboa e penso custarão acarregar pr q pouco assucar q houve esta safra quase todo ja tem vendido" (221). Embora a elevação a que se refere seja outra, a causa do que ocorreu em 1819 deve ser a mesma: pouco açúcar produzido e grande procura no mercado externo.

Em fevereiro de 1820, Proost comprou açúcar para Antônio da Silva Prado por pouco mais de 1.750 a arrôba. Nesse mesmo mês, o produto já sobe para 1.800 réis (222). Em março, finalmente, os preços ultrapassam os níveis do início da safra. Antônio da Silva Prado escrevia que "a noticia dos assucares não são as melhores vindas do Rio" . . . "melhor negocio tem se feito em Stos aonde tenho vendido alguas porções e inda agora fiz venda de todo o branco q la estiver athe o primo do mez q vem a 2\$000 réis" . . . "e não sei o que se fará do redondo e mascavo, visto não aparecerem compradores pa este" (223). A venda de açúcar por 2.000 réis deve ter dado um lucro bastante apreciável, tanto mais quanto os preços nos engenhos foram baixos, no máximo de 1.050 réis. Computando-se as despesas de transporte até Santos, digamos 400 réis, desde Pôrto Feliz, o beneficiamento a 160 réis, o custo seria no máximo de 1.610 réis a arrôba, o que dava um lucro fabuloso ao comerciante se vendesse na base de 2.000 réis.

Em abril e maio Antônio da Silva Prado ainda vende o açúcar em Santos a 2.000 réis a arrôba. O redondo está a 1.500 réis e o

(219). — *Idem.*, 19, f. 134 vs., 7 de setembro de 1819.

(220). — *Idem.*, 19, f. 138 vs., 139, 20 de setembro de 1819.

(221). — *Idem.*, 19, f. 186 vs., 28 de janeiro de 1820. Em janeiro o preço tinha caído e, em vista disto, Antônio da Silva Prado tinha mandado comprar 100 arrôbas de açúcar em Santos para remetê-lo ao Rio de Janeiro. Logo depois de ter feito o negócio o preço subiu 200 réis.

(222). — *Idem.*, 19, f. 88, 1 de fevereiro de 1820; 19, f. 191, 8 de fevereiro de 1820.

(223). — *Idem.*, 19, f. 211 vs., 23 de março de 1820.

mascavo a 1.200 (224). Para as vendas de maio o pagamento era a prazo de dois e quatro meses. Atraído por preços tão elevados, pede a Proost que lhe compre em Santos mais a dinheiro, pois tinha um freguês que queria comprar o açúcar “com espera de 6 meses” desde que conseguisse um lucro de 200 réis por arrôba (225). Grande comerciante, tinha dinheiro líquido disponível para empreender negócios dêste tipo. Interessante é que, na época, quando deviam estar fazendo negócios razoavelmente lucrativos em Santos, escrevia ao irmão em Caiteté lamentano-se sôbre as vicissitudes do comércio do açúcar. Escrevia: “O estado actual do comércio nesta” (Capitania) “hé desgraçado, pr q tendo eu feito o anno passado, e este o empate de mais de 40:000\$000 em assucar me acho com hum empate extraordinario, e com ms de trez mil as em ser, q ja o dou com 700 rs de prejuizo em cada huma arroba” . . . (226). Na realidade, em face do vulto dos negócios feitos em Santos não se consegue compreender tais queixas. Em Santos era fácil vender o produto com um lucro razoável. Além do mais comprava mais açúcar alí para poder vendê-lo a prazo. Teve prejuízo com o produto enviado ao Rio de Janeiro, onde o preço caiu muito, como veremos posteriormente. Teve ali prejuízos de 700 réis por arrôba (227). Parece mais certo que Antônio da Silva Prado quizesse mostrar ao irmão uma situação diferente da que êste conhecia na Bahia. . .

Em seguida as referências aos preços diminuem. Antônio da Silva Prado começava desinteressar-se dos negócios de açúcar. Além disso, resolveu vender em outubro de 1820, 5.000 arrôbas a Proost com lucro de 12%. O branco custava, em dezembro de 1820, 1.900 réis a arrôba (228). Em maio de 1821, Antônio da Silva Prado comprou açúcar encaixado a 2.200 réis a arrôba para mandá-lo na embarcação que ia a Moçambique buscar escravos.

Assim como é praticamente impossível conhecer a quantidade de açúcar comprada nos engenhos, também é difícil conhecer o volume comercializado em Santos. As referências a êsse ponto são raras nas cartas. Parece que todo o açúcar comprado ia a Santos e, além disso

(224). — *Idem.*, 19, f. 220 vs., 22 de abril de 1820; 19, f. 224, 4 de maio de 1820.

(225). — *Idem.*, 19, f. 224, 4 de maio de 1820. Nesse fim de safra vendeu outra porção de açúcar a prazo de três e seis meses (19, f. 256, 12 de julho de 1820).

(226). — *Idem.*, 19, f. 227, 8 de maio de 1820.

(227). — *Idem.*, 19, f. 235 vs., 30 de maio de 1820.

(228). — *Idem.*, 19, f. 319 vs., 1 de dezembro de 1820. Ao que parece, o preço subiu ainda mais, pois, em junho de 1820, vendeu 45 sacos de açúcar por 267\$000 réis, o que seria, calculando o saco a 4 arrôbas, 2 670 réis por arrôba (19, f. 256, 12 de julho de 1820). Não conhecendo, entretanto, a qualidade e a quantidade exata, é preferível não se dar muita atenção a êste dado.

lá adquiria mais. Em 1818-1819, devia ter muito açúcar, pois, como já vimos, comprara bastante nos engenhos. Em novembro de 1818, escrevia a seu intermediário, em Campinas, que tinha “mto assucar em Stos, pois me tem vindo bastte não só dessa como do Pôrto Feliz e Itu, e já se queixa o recebedor em Stos q esta com o armazem cheio, e não pode dar vazão” (229).

Até novembro já tinham ido a Santos 2.304 arrôbas e 23 libras de açúcar (230). Em dezembro pede que se transportasse com mais vagar até o pôrto, pois tinha 6.000 arrôbas que, como não viessem embarcações do Rio de Janeiro, se estavam deteriorando, ao passo que “nos Engos inda mal acondicionados nunca se deteriorão tanto” (231).

Na realidade, a única informação segura sôbre o volume das negociações de Prado é a conta da entrada e saída de açúcar dos armazéns de Proost de 1818-1819. Ao todo tinham chegado a Santos 15.469 arrôbas e 5 libras de açúcar, constando de 10.118 arrôbas e duas libras de branco, 4.071 arrôbas e uma libra de redondo e 1.280 arrôbas e 2 libras de mascavo. Sairam do armazém dêsse correspondente 14.613 arrôbas, sendo 9.851 arrôbas e 16 libras de branco, 3.741 arrôbas e 16 libras de redondo e 1.020 arrôbas e 16 libras de mascavo. No dia em que Antônio da Silva Prado fechava a conta (20 de setembro de 1819), ainda existiam 855 arrôbas e 221 libras de açúcar no armazém de Proost à espera de compradores (232). Vê-se que essa cifra não corresponde às 20.000, ou 18.000 arrôbas referidas em outras ocasiões. Com certeza um pouco de açúcar foi ainda para outros correspondentes, com os quais, como vimos, mantinha relações no comêço. A cifra mostra que Proost, na safra de 1818-1819, era o mais importante beneficiador do açúcar de Antônio da Silva Prado. Êste, por sua vêz, ainda comprou açúcar em Santos, de maneira que o volume deve ter sido bastante grande, maior talvez do que a quantidade referida acima. Em todo caso, pode-se deduzir a importância de Antônio da Silva Prado no comércio açucareiro, lembrando as cifras da exportação de Santos naqueles anos.

Para o ano seguinte (1819-1820), como já vimos, as compras nos engenhos foram no início de 4.000 arrôbas e depois elevaram-se para 6.000 arrôbas (233). O volume de suas negociações em Santos

(229). — *Idem.*, 18, f. 188, 18 de novembro de 1818.

(230). — *Idem.*, 18, f. 184, 12 de novembro de 1818.

(231). — *Idem.*, 19, f. 16, 15 de dezembro de 1818.

(232). — *Idem.*, 19, f. 138 vs., 139, 20 de setembro de 1819.

(233). — *Idem.*, 19, f. 147 vs., 1 de setembro de 1819; 19, f. 211 vs., 23 de março de 1820.

deve ter sido êste, acrescído das compras que fizera aí para remeter ao Rio de Janeiro (234).

No ano de 1820-1821, desgostoso com os negócios feitos no Rio de Janeiro, onde ainda tinha açúcar de dois anos antes, afirmava a seu correspondente que achava que em Santos “mmo se dara sahida cinco mil as se tanto tenha” (235). Neste ano seus negócios de açúcar foram poucos, pois, além do mais, resolveu vender todo o produto ao correspondente. E’ verdade que, além do vendido a Proost percebe-se pela correspondência, que tinha mais algum, inclusive comprado em Santos.

*

IV) . — *As Remessas para a Bahia.*

Antônio da Silva Prado, além de vender açúcar em Santos, enviava-o para outros portos, onde era vendido por sua conta. A maior parte ia para o Rio de Janeiro, uma pequena para os portos do Sul e, curioso, algum era enviado para a Bahia. Antes de enviar açúcar com êsse destino procurou informar-se do preço em Salvador (236). Em janeiro de 1818, pedia a Proost que ajustasse com o dono da embarcação, que ia para a Bahia, a remessa de pequeno número de sacos de açúcar para serem entregues ao correspondente de lá, João Ferreira Froes. A êste último comunica a remessa “pa vermos esta espiculação a ver se faz conta pr q’ em Santos não há madeira das preze pr dro algum e pr iso tudo vae ao Rio em sacos de pano de algodão que levão mais ou menos 4 arrobas cada hum” . . . “o asucar daqui hé mais claro q o da Bahia, e pr iso suponho terá maior estração em sacos pa o gasto da terra, pr q’ ficar mto claro ao depois de refinado e pa fora não hé mto proprio pr nunca tem gram como desá” (237). Logo em seguida, pede ao correspondente em Santos que envie 26 sacos de açúcar numa embarcação destinada à Bahia (238). Ao mesmo tempo quer enviar farinha com o mesmo destino, o que, entretanto, não será possível (239). Manda nessa

(234). — *Idem.*, 19, f. 186 vs., 28 de janeiro de 1820.

(235). — *Idem.*, 19, f. 295 vs., 4 de outubro de 1820. Parece que Proost não comprou tódas as 5 000 arrôbas, pois, Antônio da Silva Prado recebeu pela transação 3:030\$406 réis, quantia que daria preço muito baixo por arrôba, se se tratasse efetivamente de tanto açúcar, mesmo de açúcar de qualidade inferior.

(236). — *Idem.*, 18, f. 82 vs., 1 de janeiro de 1818.

(237). — *Ibidem.*

(238). — *Idem.*, 18, f. 82, 28 de janeiro de 1818.

(239). — *Idem.*, 18, f. 84-84 vs., 28 de janeiro de 1818, 3 de fevereiro de 1818, 11 de fevereiro de 1818.

embarcação 30 sacos com 130 arrôbas e 17 libras de açúcar (240), que chegaram em abril à cidade do Salvador.

Remeter açúcar para a Bahia, terra tradicionalmente canavieira, poderia parecer absurdo, tanto mais quanto o produto de Santos não gozava de boa reputação. Através de uma carta ao correspondente na Bahia consegue-se entender melhor êsse seu interêsse, em enviar açúcar para lá. Mandara-o “pa espicular este negocio q’ penso terá sahida pa consumo da terra” ... “e qdo seo produto se ache apurado me fará mce empregar o seo liquido rendimento em pessas de cambrainhas” ... (241). Era, portanto, uma forma de conseguir dinheiro na Bahia para comprar objeto de armarinho. Era mais fácil enviar açúcar, que abundava em São Paulo, quando a remessa de moeda seria muito mais difícil por haver falta dela. Mesmo não havendo lucro na venda do açúcar, seria possível uma compensação com a venda de mercadorias compradas. A primeira remessa de açúcar satisfez bastante a Prado, pois conseguiu 2.200 e 1.600 réis por arrôba, o que lhe deixou um lucro de 320 réis “q’ talvez não conseguisse mandando pa o Rio em razão de ser mto humido, e la terem mta impertinencia pa comprarem assucares” ... (242). Queria continuar as remessas para a Bahia: “Agora principia a safra, e dos pros assucares q’ houverem escolherei de boa qualidde pa remetter hua porção pa essa, inda q’ consiga menor preço q no Ro, pr q o retorno em fazdas de certa qualide dão 20 a 25 por 100 nesta” (243). A esperança de obtenção de fazendas da Bahia compradas com o rendimento dos açucares, explica pois, essas remessas.

São Paulo, com um comércio ainda pouco desenvolvido, era ávida de mercadorias de fora, mercadorias de boa qualidade, que os senhores de engenho enriquecidos já podiam adquirir. As fazendas compradas na Bahia chegaram em julho e Antônio da Silva Prado logo conseguiu vendê-las na sua maior parte (244). Como o preço das fazendas excedesse à soma apurada com a venda dos 30 sacos de açúcar (244\$680 réis) e o valor da farinha paulista afirma que “com a maior brevide lhe remetterei mais assucar não só pa imboldar se desta qta como pa me mdar mais Fazendas” (245). E “o retorno em fazeindas faz mta conta como experimentei n’esta q me mandou” (246):

(240). — *Idem.*, 18, f. 87, 11 de fevereiro de 1818.

(241). — *Ibidem.*

(242). — *Idem.*, 18, f. 128, 14 de julho de 1818.

(243). — *Idem.*, 18, f. 119 vs., 18 de janeiro de 1818.

(244). — *Idem.*, 18, f. 128, 14 de julho de 1818.

(245). — *Ibidem.* As fazendas custaram 402\$000 réis, a farinha 60\$000 de maneira que Antônio da Silva Prado ficou devendo 97\$320 réis a João Ferreira Froes.

(246). — *Idem.*, 18, f. 137, 5 de agosto de 1818.

Assim, promete ao dono de uma embarcação uma carga de 50 sacos (247). A embarcação ia sair em fins de outubro e Antônio da Silva Prado pede, em Campinas, 200 arrôbas de açúcar (248). Como o açúcar demorasse, foi obrigado a tomar emprestado açúcar em Santos (249). Enviou, assim, 55 sacos, com 220 arrôbas, sendo 176 do açúcar branco e 44 do redondo (250). As encomendas na Bahia, agora, já eram mais variadas: “Hua Cadeirainha pa homem com assento de Palhinha, de preço mais ou menos de 40 a 50\$ rs q hé pa meu Tio” ... “poucas pessas de cavalins largos como os q me mandou, 3 Pessas de barrados dos mesmos q vierão. Cambrainhas ordinarias e havendo papel almaço bom de preço de 2.000 rs a 2.200 quero 24 Resmas” (251). Esse açúcar, entretanto, não chegou em bom estado a Bahia, pois estava “a maior pe salgado, e sacos so com hua arroba” (252). Puderam ser vendidos 40 sacos a 2.350 réis a arrôba e os outros 15 tiveram uma quebra de 20 arrôbas e 15 libras. Escreve a seu correspondente que ignorava quem devia arcar com o prejuízo, se êle ou o dono da embarcação (253). Assim mesmo, o açúcar vendido rendeu 459\$500 réis e Antônio da Silva Prado agradecia a João Ferreira Froes, pois era “certamte do maior interesse mdar pa essa do q pa o Rio”. A compra das mercadorias na Bahia foi um bom negocio e o comerciante escrevia: “pela receita vejo o qto foi bem comprado e ja em Stos vendeo se Pe” (254).

A perspectiva de bons negócios na Bahia fez com que recomendasse a Proost que remetesse sempre que surgisse oportunidade, açúcar para aquêle pôrto. Logo em seguida, envia mais 50 sacos (255). O rendimento dêsse açúcar também devia ser convertido em mercadorias: “cortes de xitas barradas finas campo branco e flores miudas, e as barraç de boas cores e q não escuras e sejão altas; alguas pessas de Guingoas finas e de pentes miudos vermelhos, alguas pessas de guingoas de covados largos e pentes miudos vermelhos, regulando a proporção do liqdo q importa do assucar” (256). Essas compras abrem perspectivas interessantes para se avaliar a civilização material dos paulistas e seu desêjo de confôrto ... Esse açúcar

(247). — *Idem.*, 18, f. 153 vs., 28 de setembro de 1818.

(248). — *Idem.*, 18, f. 151, 23 de setembro de 1818.

(249). — *Idem.*, 18, f. 166, 21 de outubro de 1818.

(250). — *Ibidem.*

(251). — *Idem.*, 18, f. 168 vs., 169, 27 de outubro de 1818.

(252). — *Idem.*, 19, f. 44, 2 de fevereiro de 1819.

(253). — *Idem.*, 19, f. 49, 10 de fevereiro de 1819.

(254). — *Ibidem.*

(255). — *Idem.*, 19, f. 22 vs., 31 de dezembro de 1818.

(256). — *Ibidem.*

rendeu na Bahia 380\$000 réis, sendo o lucro de 200 réis por arrôba (257).

Em março de 1819, foram mais 50 sacos para a Bahia (258). Prado queria enviar outros 100 sacos, mas como o preço no Rio de Janeiro subiu, acabou desistindo do plano (259). O produto dessa última remessa era de má qualidade e Antônio da Silva Prado escreve a seu correspondente pedindo desculpas: “de hir o assucar redondo de má qualidade pois esta culpa não hé ma, estou nesta Cide e posto q compre mto assucar nunca chego a velo pr q dos Engos vão remetidos ao meo correspondente em Santos e este hé q obrou mal” . . . (260). Esse açúcar ficou empatado por muito tempo na Bahia e Prado pediu várias vêzes, que fôsse vendido “pr mais ou pr menos, pois hé genero q’ não da lugar demorar-se principalme o desta Capitania q passando certo tempo cada vez vai a peor” (261).

Achava ainda vantajosas as remessas para a Bahia mesmo pelo fato do seu correspondente João Ferreira Froes ser seu amigo e não cobrar comissão pela venda. O comerciante paulista ciente das condições especiais da Bahia, afirmava: “hé raro encontrar-se um Sr Froes” (262).

Na realidade o envio de açúcar para a Bahia não devia ser mais vantajoso do que para o Rio de Janeiro. O frete era, nesse caso, de 200 réis por arrôba, em fevereiro de 1819, quando para o Rio era de 120 réis ou menos. Nesse mesmo mês o preço do açúcar era igual em ambas as cidades, embora houvesse épocas em que fôsse mais alto na Bahia. Antônio da Silva Prado explica a seu correspondente, em Santos, as vantagens da remessa para a Bahia: “amim se faz conta em razão de q’ o meu amo não leva comissão nem de venda, nem de compra e por isso vem a ficar o Frete como q se fosse remetido pa o Rio, e só há vantagem de ser vendido a dinro” (263).

A venda a dinheiro, sem pagar comissões e o fato de poder dessa maneira comprar fazendas para revendê-las em São Paulo, explicam o pequeno comércio de açúcar que Antônio da Silva Prado manteve com a Bahia. Provavelmente, terá enviado mais açúcar do que se pode verificar pela correspondência, pois, às vêzes, encontra-

(257). — *Idem.*, 19, f. 106 vs., 23 de junho de 1819.

(258). — *Idem.*, 19, f. 58, 2 de março de 1819.

(259). — *Idem.*, 19, f. 77 vs., 11 de abril de 1819.

(260). — *Idem.*, 19, f. 106 vs., 23 de janeiro de 1819.

(261). — *Idem.*, 19, f. 120 vs., 31 de julho de 1819; f. 157 vs. 21 de novembro de 1819.

(262). — *Idem.*, 18, f. 82 vs., 1 de janeiro de 1818. As ligações com Froes datam, provavelmente, de sua estada na Bahia. Seu irmão Francisco da Silva Prado, que se tinha estabelecido em Caiteté, também mantinha relações com Froes.

(263). — *Idem.*, 19, f. 51, 16 de fevereiro de 1819.

mos alusões sem mais pormenores, a negócios com a Bahia. Parece que, depois de 1819, diminuíram essas remessas, talvez por ter diminuído o preço do açúcar naquele pôrto. Em abril ou março, o branco bom custava sômente 1.280 réis a arrôba (264).

*

V). — *As Remessas para o Rio de Janeiro.*

A remessa de açúcar para o Rio de Janeiro era, principalmente, nos dois primeiros anos, a finalidade maior de Antônio da Silva Prado. Percebe-se que todo o seu comércio estava intrinsicamente ligado à situação dos negócios de açúcar no Rio de Janeiro. A economia açucareira durante muito tempo girou em tórno das condições do mercado fluminense. A absorção do açúcar paulista pelo Rio ainda constituía, naquela época, questão vital para êle. Os preços ali tornavam lucrativos, ou não, a fabricação de açúcar e seu comércio em São Paulo.

O produto era embarcado em Santos e remetido a um correspondente no Rio de Janeiro, que devia recebê-lo, armazená-lo e procurar compradores. A tarefa dêsse correspondente era, portanto, muito mais simples do que a de Proost.

No início de seus negócios Antônio da Silva Prado também não se tinha definido quanto ao correspondente naquele pôrto. Em fevereiro de 1817, manda dizer a um José Henrique Pessoa que êle e alguns amigos lhe enviariam “não pequena porção” de açúcar e que queria notícias sôbre os preços (265). Durante a safra, entretanto, muda de idéia e pede a seu correspondente em Santos que, caso ainda não tivesse feito as remessas ao Pessoa, fizesse-as a Manuel Moreira Lírio (266). Antes já tinha escrito ao Lírio parasaber se poderia enviar-lhe o açúcar, pois um amigo lhe tinha encomendado que assim o fizesse. Era interessante para Antônio da Silva Prado enviar açúcar a Manuel Moreira Lírio, pois mantinha outras relações com êle (267). Grande parte das rendas públicas de São Paulo tinham sido arrematadas em sociedade por Antônio da Silva Prado e Lírio. Êste vai receber e vender praticamente todo açúcar enviado por Antônio da Silva Prado ao Rio de Janeiro (268).

(264). — *Idem.*, 19, f. 225 vs., 8 de maio de 1820. Em maio de 1820, Antônio da Silva Prado ainda agradece a Froes a venda de 50 sacos de açúcar em troca de linho, paños e retroz (19, f. 225 vs., 8 de maio de 1820).

(265). — *Idem.*, 18, f. 67, 15 de fevereiro de 1817.

(266). — *Idem.*, 18, f. 67, 21 de novembro de 1817.

(267). — *Idem.*, 18, f. 76, 11 de novembro de 1817.

(268). — Uma ou outra vez, aparece a remessa de açúcar para outro. Assim, em abril de 1819, há referência a açúcar enviado a Pessoa (19, f. 81 vs., 21 de abril de 1819).

Sabemos que Prado não enviou pouco açúcar, principalmente nos primeiros anos. O contrôlo do pêso e da qualidade do produto chegado ao destino, a venda e a obtenção de bons preços eram a obrigação do correspondente no Rio de Janeiro que, além do mais, devia manter o remetente a par de como iam os negócios e do preço corrente na praça. O bom andamento dos negócios dependiam, por conseguinte, da atividade de Lírio no Rio de Janeiro e de Proost em Santos. Entre o comerciante e o correspondente devia prevalecer um clima de confiança, naturalmente. Parece que isso sempre houve e não se deve esquecer que se Antônio da Silva Prado dependia de Lírio no Rio, êste, por sua vez, tinha necessidade do comerciante paulista para a administração dos contratos das rendas públicas. Prado pagava 3% de comissão pelo trabalho de vender o açúcar (269). Essa comissão, como era natural, onerava o custo do açúcar, diminuindo a margem de lucro.

O frete também encarecia o açúcar e diminuía o lucro. A remessa para o Rio de Janeiro nem sempre foi fácil: ora não existiam embarcações, ora eram caros os fretes, ora o produto se estragava na viagem por falta de cuidados. A primeira referência ao preço do frete é de novembro de 1818. Antônio da Silva Prado avisa Proost de que se o frete fôsse de mais de 100 réis por arrôba, só enviasse as 500 arrôbas por conta de um amigo (270). Nessa época, além do frete que Antônio da Silva Prado considerava caro, não vinham “embarcações de Frete” a Santos, de modo que até dezembro só tinham embarcado 165 arrôbas (271). A situação do comércio era bem difícil e lamentava-se que pouco açúcar pôde ser levado pelas três embarcações que iam para o Rio de Janeiro (272). Parece que na safra de 1818-1819 há uma grande dificuldade em arranjar fretes nas embarcações. Proost pediu a Antônio da Silva Prado que escrevesse ao Rio solicitando o envio de embarcações para buscar o açúcar em Santos (273). Todos os comerciantes sentiam a mesma dificuldade, a produção fôra muito grande e poucas embarcações vinham até Santos.

A dificuldade em enviar açúcar encareceu ainda mais os fretes — 120 réis em janeiro de 1819. Prado, entretanto, não queria pagá-lo, pois achava que iria baixar para 80 réis (274). Ao mesmo tempo, porém, pede a Proost que envie açúcar pelo frete de 100 réis. Tendo comprado muito açúcar nessa safra, esperava que os fretes

(269). — *Idem.*, 19, f. 77 vs., 11 de abril de 1819.

(270). — *Idem.*, 18, f. 187 vs., 18 de novembro de 1818.

(271). — *Idem.*, 19, f. 16, 15 de dezembro de 1818.

(272). — *Idem.*, 19, f. 26, 4 de janeiro de 1819.

(273). — *Idem.*, 19, f. 29 vs., 11 de janeiro de 1819.

(274). — *Idem.*, 19, f. 34, 20 de janeiro de 1819.

baixassem, aumentando o seu lucro. Em fevereiro, todavia, estava “desinganado q’ o Frete pa o Ro não baixa tão cedo de 120 rs” e Proost devia mandar o açúcar logo que aparecesse uma oportunidade (275). Nesse mês chegou uma embarcação e eram esperadas mais duas, tôdas consignadas a Proost por intermédio de Lírio. O comerciante queria que carregassem a maior quantidade possível. Como vieram sem frete ajustado, foi de parecer que deviam carregar por 120 réis a arrôba (276). Com a concorrência dessas embarcações os fretes desceram para 80 réis em fins de fevereiro. Antônio da Silva Prado, achava que tinha chegado a “occazião de tirarmos disforra, e pr todas as razões não devemos fazer embarcar senão nos q o Lírio manda, ou em outras de fora, dando preferencia a estes e contemplação nenhua com os da terra visto q tanto merecem” (277). Em abril, Antônio da Silva Prado espera que os fretes baixassem mais (278). Em fins de abril, conseguiu carregar 2.000 arrôbas de açúcar num bergantim, por 60 réis (279). Em maio, o frete já passou outra vez a 80 réis (280). Vê-se que nesse fim de safra os fretes oscilaram bastante, dependendo da oferta e da procura de embarcações. Com a vinda de barcos, que Antônio da Silva Prado pedira por intermédio de seu correspondente no Rio, o frete baixou consideravelmente, havendo em certos casos, redução de 50%. São essas as únicas informações que se encontram nas cartas de Antônio da Silva Prado sôbre o problema dos fretes. Estes, provavelmente, sempre giraram em tórno de 60 a 120 réis por arrôba.

O transporte até o Rio de Janeiro envolvia, não raro alguns problemas. Podia acontecer que, por descuido, a água do mar estragasse o açúcar. Na correspondência também se encontra algumas referências a piratas. Em julho de 1818, Antônio da Silva Prado estava curioso por saber se determinada embarcação chegara ao Rio, “pois não me tem dado pouco cuido em razão dos Piratas” (281). As notícias sôbre piratas naqueles anos, ao longo da costa entre Santos e o Rio de Janeiro não eram raras.

(275). — *Idem.*, 19, f. 51, 16 de fevereiro de 1818.

(276). — *Idem.*, 19, f. 55 vs., 24 de fevereiro de 1818.

(277). — *Idem.*, 19, f. 72 vs., 30 de março de 1819. Neste mês um capitão logrou o correspondente e êsse ainda pagou 120 réis de frete (19, f. 66 vs., 22 de março de 1819).

(278). — *Idem.*, 19, f. 74, 1 de abril de 1819.

(279). — *Idem.*, 18, f. 87, 1 de maio de 1819.

(280). — *Idem.*, 19, f. 93, 11 de maio de 1819.

(281). — *Idem.*, 18, f. 135 vs., 31 de julho de 1818. Em outra carta, referindo-se a uma soma de dinheiro que veio da Bahia, frisa a necessidade do seguro “em razão dos imensos roubos que fazem os piratas no mar” (19, f. 295). Um documento existente no Arquivo do Estado (TC, 59-1-102) fala em piratas na Ilha dos Porcos, hoje Anchieta, em 1818.

O custo do açúcar no Rio de Janeiro, era, portanto, determinado pelo preço pago no engenho, pelo preço da condução, frete para o Rio de Janeiro e, finalmente, a comissão do Lírio. As oscilações desses gastos, juntamente com o preço corrente do açúcar paulista na praça do Rio, determinavam o maior ou menor lucro. As cotações do açúcar paulista variavam bastante no Rio de Janeiro. O preço e a facilidade em vendê-lo foram os fatores mais importantes no comércio de açúcar de Antônio da Silva Prado como, de resto, em toda a economia canaveira paulista daqueles anos. Em sua correspondência encontramos uma freqüente preocupação com a situação comercial da praça fluminense. As referências aos preços e à facilidade ou não de venda são uma constante na correspondência. Em cartas aos senhores de engenho, a condutores de tropas, aos correspondentes em Santos e no Rio, encontramos dados sobre a situação do açúcar paulista no Rio, onde ele nunca gozou de bom conceito.

A primeira referência ao preço é de fins de 1817, quando o açúcar branco em sacos estava a 2.500 réis a arrôba e o redondo a 2.000 réis (282). Para essa safra, entretanto, há poucos dados. Em julho de 1818, vendeu 423 arrôbas por 802\$974 réis, o que daria 1.898 réis por arrôba, sem, porém, haver especificação da qualidade (283). Parece que Antônio da Silva Prado ficou satisfeito com as vendas realizadas por Lírio, embora mais tarde desse ordens para não pagar a condução muito cara para Santos, pois “hé suprefluo mdar pa o Rio pa se guardar como acontece com 1800 arrôbas que lá tenho” (284).

Para a safra seguinte, já encontramos maior preocupação por parte de Antônio da Silva Prado com os preços correntes no Rio de Janeiro. Tinha ele comprado muito açúcar e, já em outubro de 1818, “acha-se esse genero sem extracção alguma no Ro de Janro” (285). Pedia ao correspondente constantes notícias sobre o estar dos negócios (286).

A situação do açúcar paulista era péssima, principalmente, devido ao grande afluxo do produto de Campos, muito mais cotado. Antônio da Silva Prado transmite a seu intermediário as notícias que recebera do Rio: Entraram “em hum só dia 40 Embarcações carregadas de assucar vindas de Campos, e já offerecião a 2.200, e não havia quem o quizesse, e o de Santos nem a 2.000 o querem” . . . , ter-

(282). — *Idem.*, 18, f. 82 vs., 1 de janeiro de 1818.

(283). — *Idem.*, 18, f. 124, 1 de julho de 1818; 18, f. 227, 11 de julho de 1818.

(284). — *Idem.*, 18, f. 98 vs., 11 de abril de 1818; 18, f. 88 vs., 17 de fevereiro de 1818.

(285). — *Idem.*, 18, f. 68, 22 de outubro de 1818.

(286). — *Idem.*, 18, f. 178, 1 de novembro de 1818.

minando “mais feliz seria se não tivesse assucar algum este anno, e só me resta a triste consolação de ter mtos companheiros pa tam-bem perder” (287). A outro intermediário de Campinas escrevia que “as noticias dos assucares são as peores possiveis pois o maior preço no Ro hé de 2.000 e isto sem extracção” (288). O preço no Rio repercutiu em São Paulo, e Antônio da Silva Prado pedia a seus intermediários que não contratassem conduções caras (289). O preço a ser pago pela condução dependia da cotação do produto paulista naquele pôrto. No fim da safra o preço subiu no Rio de Janeiro e Antônio da Silva Prado conseguiu vender açúcar a 2.400 réis a arrôba, mas ainda estava assustado “temendo alguma baixa repentina, pr q o meu emprego este anno foi de 18.000 as, e vem a ficar posto no Rio com comissão q’ pago de 3 por 100 de venda a 2.100 o branco” (290). Nisso vai algum exagêro, pois o custo, na realidade, devia ser mais baixo computando-se tôdas as despesas. Naquele ano, como foi visto, o preço pago no engenho era de 1.280 réis a arrôba do branco. O custo da condução variou de 240 para 340 réis, de Campinas a Santos. O beneficiamento e contrato em Santos era de 200 a 240 réis por arrôba e o frete até o Rio variou de 60 a 120. Somando tôdas as parcelas e levando em conta sempre a mais alta teríamos uma soma de 1.980 réis. Juntando a essa cifra os 3% de 2.400 réis, o custo total seria de, no máximo, 2.052 réis por arrôba do branco. Com condução e frete mais baratos seria de 1.780 réis que, somado à comissão, daria um custo global de 1.852 réis. Naquele ano, portanto, o açúcar branco que Prado mandou ao Rio deve ter custado entre 1.852 e 2.052 réis a arrôba, o que, no caso de vendê-lo por 2.400 réis, deve ter dado bom lucro. No caso de os gastos terem sido de 1.852 réis teria ganho cêrca de 29% e se fôssem de 2.052, cêrca de 17%. Calculando um custo médio de 1.952 rs. por arrôba, o lucro teria sido de cêrca de 22,5%, o que parece razoável, tendo-se em conta a situação econômica de São Paulo naqueles anos, pois dizia “o giro de negocio nessa hé mto mais suave” (291). O lucro era, portanto, maior do que na Bahia, onde em certa ocasião, foi de 320 réis que considerou muito bom, pois se tratava de açúcar muito úmido. Quando o vendia quase sem lucro na Bahia, mas conseguia com os produtos encomendados ali e vendidos em São Paulo 20 a 25%, achava excelente o negócio. O preço de 2.400, entretanto, não durou muito: já em junho não há

(287). — *Idem.*, 18, f. 183 vs., 12 de novembro de 1818.

(288). — *Idem.*, 18, f. 188, 18 de novembro de 1818.

(289). — *Idem.*, 18, f. 183 vs., 12 de novembro de 1818; 18, f. 182 vs., 11 de novembro de 1818; 8, f. 188, 18 de novembro de 1818.

(290). — *Idem.*, 19, f. 77 vs., 11 de abril de 1819.

(291). — *Idem.*, 19, f. 227, 8 de maio de 1820.

quem pague 2.000 réis por arrôba (292). Como Proost quisesse sal do Rio, Antônio da Silva Prado propõe-se a trocá-lo por açúcar, pois não dispunha de dinheiro naquele pôrto (293). A venda de açúcar torna-se mais difícil. Em julho o preço melhorara e Antônio da Silva Prado avisa Proost de que no Rio “com vagar se vende a 2.200 em sacos” (294). A venda, entretanto, continua difícil, e o comerciante ainda se preocupa com o problema (295). O redondo e o mascavo foram mais facilmente vendidos, tanto em Santos, como no Rio de Janeiro (296).

Às vespéras da nova safra cai outra vez o preço no Rio. Em agôsto de 1819, era de 2.000 réis por arrôba em caixas. Por isso, decide pedir a Proost que procure compradores em Santos e nada envie para aquêlo pôrto, pois ainda tem ali muito açúcar disponível (297). Em setembro, recebe oferta par vender 57 caixas de açúcar a 2.200 réis a arrôba, em dois pagamentos: o primeiro, a 20 de abril de 1820 e o segundo, a 8 de outubro do mesmo ano (298). O negócio foi fechado em outubro e o prazo do último pagamento adiou-se para novembro. Não seria muito lisongeira a situação dos negócios de açúcar de Antônio da Silva Prado no Rio de Janeiro; do contrário dificilmente teria aceito um prazo de 14 meses. Em novembro de 1819, o comerciante ainda tinha no Rio 9.000 arrôbas de açúcar para vender e não encontrava compradores (299). Tratava-se ainda de produto da safra de 1818-1819.

Por ocasião da safra de 1818-1820, Prado, mais cauteloso, comprou como já foi visto, menor quantidade de açúcar. Em outubro, dizia só dispor de 6.000 arrôbas “visto q não me dei bem com este negocio” (300). No fim do ano, conseguiu vender algum açúcar no Rio, ficando satisfeito com a soma conseguida de 6:006\$668 rs.; não se sabe, entretanto, a quanto vendeu a arrôba (301). Preferia deixar de enviar para o Rio para vender em Santos. Os preços neste pôrto eram bastante compensadores, como já foi visto. Em fins de fevereiro, eram de 1.750-1.800 e, depois, subiram para 2.000 réis. Não de-

(292). — *Idem.*, 19, f. 101, 8 de junho de 1819.

(293). — *Ibidem.*

(294). — *Idem.*, 19, f. 113, 13 de julho de 1819.

(295). — *Idem.*, 19, f. 117, 21 de julho de 1819. Antônio da Silva Prado escrevia a Lírio; “a sua boa diligça e grde freguesia q tem faça com q eu não seja tão desgraçado como os outros e esta hé a unica esperança que me resta”.

(296). — *Idem.*, 19, f. 122 vs., 3 de agôsto de 1819.

(297). — *Idem.*, 19, f. 126 vs., 23 de agôsto de 1819; 19, f. 134 vs., 7 de setembro de 1819.

(298). — *Idem.*, 19, f. 142 vs., 1 de outubro de 1819.

(299). — *Idem.*, 19, f. 153, 15 de novembro de 1819; 19, f. 161 vs., 1 de dezembro de 1819.

(300). — *Idem.*, 9, f. 147 vs., 19 de outubro de 1819.

(301). — *Idem.*, 19, f. 171, 1 de janeiro de 1820.

vendo pagar fretes vultosos como os que se cobravam para o Rio e a comissão compensava muito mais a venda em Santos, tanto mais quanto, em fevereiro de 1820, o açúcar velho custava no Rio 1.800 réis, “o q’ dá bastante prejuizo; porem q’ remedio” (302).

Com preços tão baixos e com a facilidade de venda em Santos, pensava que “cessará de hir assucar de Santos pa essa, pr alem das safras serem diminutas tem alli vindo carregar varias Embarcações pa Montevideo e Buenos Aires e agora se acha hū Bergantim Ingles q com difficuldade tem comprado a 2:000 rs e p.a este vendi todo o de m/c q tiver em Santos the principio de Abril” (303). Em maio, o preço no Rio baixou para 1.500 réis a arrôba, dando um prejuizo de 700 réis por arrôba, ao passo que, em Santos, era de 2.000 réis (304). O preço extremamente baixo redundava em grande prejuizo mesmo tendo-se em conta que diminuira o custo nos engenhos. Como já vimos, este custo foi de 900 a 1.050 réis a do branco, 600 a 700 a do redondo e 400 a do mascavo. Somados o preço mais alto, a condução, o frete e o beneficiamento, o custo do açúcar branco pôsto no Rio, devia ficar em 1.810 réis (305). O mínimo estaria em tórno de 1.500 réis por arrôba (306). O redondo ficaria a 1.460 e 1.200 réis por arrôba e o mascavo a 1.000 e 1.160. Isso tudo, sem contar a comissão do Lírio. Vê-se que a situação no Rio era péssima dêsse ponto de vista e que Prado tinha razões para escrever que as notícias daquela praça eram as piores e que “o assucar vai cahir na maior desgraça” (307).

Em fins de 1820 não tinham melhorado os negócios no Rio de Janeiro. A Proost pedia que vendesse tudo em Santos pois “me tem zangado mto este negocio no Rio de Janro pr q se ganho em cem arrobas, perco em mil, e basta q o anno passado mandando pa ali tão pouco como sabe ainda tenho 500 arrobas e 400 e tantas q a douz annos lá estão, e a vista disso paresse-me tenho toda a razão em não querer mais sime negocio” (308). Ainda em outubro de 1820, recebeu 1.300 réis por arrôba do branco pertencente à safra anterior e 1.000 réis pelo de dois anos antes “e ainda ficou porção que não tem valor e pr isso estou no fixo acordo de pa lá nada mais” (309). Quando recebeu as contas dos açúcares enviados por ocasião da sa-

(302). — *Idem.*, 19, f. 192, 10 de fevereiro de 1820.

(303). — *Idem.*, 19, f. 204, 12 de março de 1820.

(304). — *Idem.*, 19, f. 235 vs., 30 de maio de 1820.

(305). — 1.050 réis a arrôba de açúcar, mais 400 réis de condução, 240 réis de beneficiamento em caixa, 120 réis de frete para o Rio.

(306). — 900 réis a arrôba de açúcar, 340 réis de condução, 200 réis de beneficiamento em sacos e 60 réis de frete para o Rio.

(307). — *Col. Antônio da Silva Prado*, 19, f. 228, 9 de maio de 1820.

(308). — *Idem.*, 19, f. 295 vs., 4 de outubro de 1820.

(309). — *Idem.*, 19, f. 306, 24 de outubro de 1820.

fra de 1819-1820, verificou que o prejuízo dissolveu todo lucro obtido em Santos e que iria perder mais ainda, pois o branco estava a 1.300 a arrôba. Ao mesmo tempo soube que o açúcar nôvo de Campos conseguia 2.600 réis por arrôba, “porem sou Paulista e fiz tenção pa o Ro não qro negocio de assucar pois vivo escandalizado” (310). Essa frase bem mostra o estado de ânimo do comerciante que tantos aborrecimentos teve no Rio de Janeiro. Dêsse momento em diante, não existem mais notícias sôbre o preço do açúcar paulista no mercado carioca. O comércio do Rio não deveria estar em boa situação por volta de 1821, devido às repercussões da revolução do Pôrto e da volta da Família Real a Portugal. Antônio da Silva Prado refere-se aos acontecimentos políticos e que “de prezte bem pouca gente sabe conhecer a decadencia em q esta o Commercio, as faltas de dro q se experimentão hé couza nunca vista morme no Ro de Janro adonde nem corre mais aî” (311). Em São Paulo, as coisas não iam muito melhor, aliás, e escrevia: “o Banco aqui já principia a ser escasso em fazer descontos e isto hade transtornar a mtos” (312).

Um cálculo do volume de açúcar que enviava ao Rio de Janeiro é bastante difícil, pois nas cartas raramente se acham referências ao total. No primeiro ano em que negociou com êsse produto deve ter enviado uma quantia relativamente pequena, pois são escassas as notícias de remessas de Santos ao Rio e chegadas àquêle pôrto. A primeira é de dezembro de 1817. O comerciante esperava que já tivesse aportado no Rio certo barco levando 767 arrôbas (313). Em janeiro, já tinha enviado 1.500 (314), e em fevereiro, 1.800 (315). Pelas notícias posteriores pode-se verificar que, naquele ano, deve ter enviado ao Rio cêrca de 4.000 arrôbas (316).

No ano seguinte, 1818-1819, enviou muito açúcar. As referências às remessas avoluman-se, mas, infelizmente, não podem ser aproveitadas, pois, geralmente, deixam de indicar a quantidade de arrôbas. O envio da nova safra começa em novembro, quando já tinha algum açúcar nôvo em Santos pronto para o embarque. Em dezembro dispunha ali de 6.000 arrôbas, mas a remessa era dificultada por falta de embarcações, só tendo sido possível mandar 220 arrôbas para a

(310). — *Idem.*, 19, f. 314 vs., 17 de novembro de 1820. Não tinham ido mais de 2 000 arrôbas.

(311). — *Idem.*, 20, f. 95 vs., 13 de setembro de 1821.

(312). — *Ibidem.*

(313). — *Idem.*, 18, f. 78 vs., 21 de dezembro de 1817.

(314). — *Idem.*, 18, f. 82 vs., 1 de janeiro de 1818.

(315). — *Idem.*, 18, f. 88 vs., 17 de fevereiro de 1818.

(316). — Em abril foram perto de 500 arrôbas (18, f. 85 vs.), em maio 423 arrôbas (18, f. 102 vs.), em julho 5 caixas e 10 sacos, (18, f. 126), e 580 arrôbas e 3 libras (18, f. 178).

Bahia e 165 para o Rio (317). Daí em diante são contínuas as remessas e, geralmente, em parcelas grandes: 700 arrôbas, 400, 300 e mesmo 2.000 arrôbas, como aconteceu com o bergantim “Despique”, em abril de 1819 (318).

Até abril de 1819 já tinham ido ao Rio mais de 6.000 arrôbas, pois Prado comunicava ao correspondente na Bahia que vendera 2.000 arrôbas, além das 4.000 que lá se achavam (319). Afirmara, como se sabe, que tinha comprado nos engenhos 18.000 arrôbas. Como não há, praticamente, referências a vendas em Santos, ou a remessas para outros lugares, pode-se deduzir que as 18.000 ou 20.000 arrôbas, de que trata em outro papel, foram remetidas ao Rio.

Em julho apesar das dificuldades de colocação do produto, Lírio já tinha vendido o açúcar mascavo e o redondo, e Prado esperava que o mesmo acontecesse com o branco (320). Como queria saber se deveria continuar a comprar açúcar da nova safra, de que só tinha 4.000 arrôbas, pedia informações do Rio, ficando mais animado quando soube que quase todo açúcar em sacos fôra vendido (321). Em novembro de 1819, entretanto, quando não mandara, certamente, açúcar novo ao Rio, ainda tinha 9.000 arrôbas a espera de freguêses (322), tendo conseguido vender a prazo nesse mês, 2.000 arrôbas. Vendera todo o açúcar mascavo e o redondo em sacos, além de outras parcelas, e ainda tinha 9.000 arrôbas... Sendo a sua remessa provavelmente de mais de 20.000 arrôbas, bem pode aquilatar-se, a vista de tais cifras, a eminência que alcançara Prado no comércio açucareiro de São Paulo. Talvez o volume exportado por sua casa perfizesse 1/10 de tôdas as exportações de açúcar pelo pôrto de Santos.

Na safra seguinte, 1819-1820, a quantidade enviada ao Rio foi bem menor. Antônio da Silva Prado mostrava-se desanimado com a dificuldade de venda e com os preços nada convidativos. Além disso, em Santos, como vimos, as coisas melhoraram bastante. Naquele ano, comprara 6.000 arrôbas nos engenhos, além do que adquirira em Santos. As notícias de remessas para o Rio tornam-se mais raras e, na realidade, não se pode precisar a quantidade de açúcar que teve aquêle destino. Como ainda possuísse açúcar velho, continuava recomendando ao Lírio que procurasse compradores para êsse. Em

(317). — *Idem.*, 19, f. 16, 15 de dezembro de 1818.

(318). — *Idem.*, 19, f. 81 vs., 21 de abril de 1819.

(319). — *Idem.*, 19, f. 77 vs., 11 de abril de 1819.

(320). — *Idem.*, 19, f. 120, 31 de julho de 1819.

(321). — *Idem.*, 19, f. 129 vs., 1 de setembro de 1819; 19, f. 141 vs., 28 de setembro de 1819.

(322). — *Idem.*, 19, f. 144, 6 de outubro de 1819.

março de 1820, ainda tinha 5.000 arrôbas “sem haver quem o pra pr dinho algum” . . . (323). Parece que era mais fácil vender o nôvo; pelo menos, há uma referência a isso (324). Em maio, ainda tinha 3.400 arrôbas de açúcar da safra anterior (325). Em agôsto, portanto, às vésperas de uma nova safra ainda esperava de seu correspondente que lhe vendesse o açúcar velho (326). Essa preocupação em ver liquidado o resto de açúcar da safra de 1818-1819, as vendas realizadas em Santos e a quantidade relativamente pequena do açúcar comprado nos engenhos, permitem a conclusão de que Antônio da Silva Prado mandou pouquíssimo açúcar ao Rio por ocasião da safra 1819-1820. Além disso, escrevia a Proost “bem sabe o pouco assucar q mandei na safra passada e inda tenho em ser 137 sc a vista disto veja se devo ter contado de mdar pa alli” (327).

Prado estava decidido a só “em último caso” fazer remessas para o Rio (328). Em outubro de 1820 ainda tinha 400 arrôbas da safra de 1818-1819 e 500 de 1819-1820, prefererindo, dessa maneira, vender em Santos as 5.000 arrôbas compradas nos engenhos (329). Da safra de 1819-1820 as remessas para o Rio devem ter sido poucas e pequenas. Em outubro de 1820, Lírio vendeu o que já estava no Rio, havia dois anos, por 1.000 réis a arrôba e por 1.300 ao da safra seguinte, isso com bastante prejuízo e “ainda ficou porção que não tem valor e por isso estou no fixo acordo de pa la nada mais” (330).

Uma das preocupações de Antônio da Silva Prado foi a existência de açúcar ainda em depósito ao início de cada nova safra. Em setembro de 1818, escrevia ao correspondente no Rio que ultimasse “logô a venda de todo o mais q tem de m/c em ser por isso q hé chegada a nova safra da qual tenho não pequena porção” (331). Em outubro de 1819 pedia a Proost que o restante fôsse remetido “com maior brevde pa o Rio, afim de principiarmos com os novos” (332). Ou então, recomenda ao correspondente no Rio que venda o açúcar “pois ja se vai aproximado mto a nova safra” (333).

(323). — *Idem.*, 19, f. 205, 14 de março de 1820.

(324). — *Idem.*, 19, f. 220, 21 de abril de 1820.

(325). — *Idem.*, 19, f. 235 vs., 30 de maio de 1820.

(326). — *Idem.*, 19, f. 276, 29 de agôsto de 1820.

(327). — *Idem.*, 19, f. 281, 7 de setembro de 1820.

(328). — *Idem.*, 19, f. 287, 19 de setembro de 1820.

(329). — *Idem.*, 19, f. 295 vs., 4 de outubro de 1820.

(330). — *Idem.*, 19, f. 306, 24 de outubro de 1820.

(331). — *Idem.*, 18, f. 143, 1 de setembro de 1819.

(332). — *Idem.*, 19, f. 144, 6 de outubro de 1819.

(333). — *Idem.*, 19, f. 120, 3 de julho de 1819.

Em abril de 1821, escrevia a Lírio que estimaria a decisão sôbre “a venda do meo antigo assucar q inda existe, seja pelo preço q for, pa ver ultimado esse negocio” (334). Em outra ocasião, pede a um amigo que force o Lírio a vender o açúcar “pr q mais convem q se vende ja do q espera pa diante q menos vallia podem ter huma vez q ja se estão aprontando os novos” (335).

Nas remessas para o Rio de Janeiro surgiram, naturalmente, outros problemas, tais como com a qualidade e a quebra de pêso. Não raro verificava, depois de receber as contas que a quantidade vendida não coincidia com a remetida de Santos. Muitas vêzes cabia a culpa a Proost que, ao embarcar, não mandava dizer a quantidade exata. Outras vêzes, a quebra de pêso provinha da falta de cuidados nas embarcações, onde o açúcar também perdia em qualidade. Logo que se iniciara nos negócios de açúcar Antônio da Silva Prado pedia a Lírio para verificar de onde provinham as grandes quebras de pêso que estava tendo: “se provem do Trapixe a grde quebra q’ experimenta nas já vendidas, sendo estas pesadas em Santos como consta dos conhecimentos aly as suas pesaças são mto menores” (336).

As quebras de pêso continuavam e Prado pede de nôvo a Lírio para “com individuação mdar pezar pr q’ tenho tido immensas quebras, não só nas caixas como nos sacos e estes que comprei posto em Santos pr maior dnro do q outros, havendo qlqr quebra passo a ter prejuizo alem de q eu pago a Frco Eugenio hum tanto de cada Saco, q peza qdo se embarca, e pr isso quero saber de que provem taes quebras” (337). Escrevia igualmente a Francisco Eugênio de Andrade, em Santos, com o qual no início trabalha, “veja pr qm mande pezar pr q o de Caixas tambem quebra hũa arroba e meia, em cada hũa, porem atribue-se isto ser no trapixe do Ro de Janro porem o dos sacos logo q’ se peção nessa pa embarcar e medião poucos disa pa chegar ao Rio não sei atribuir de onde vem o engano” (338). Com Proost também surgiram problemas, pois êste não punha o pêso certo nas caixas e Antônio da Silva Prado recomendava cuidado, pois “pr q todo o peso q’ não chega a arroba certa fica em meia arroba e q’ não passa de meia arroba fica em arrobadas certas”, segundo as regras do trapiche do Rio de Janeiro (339). As

(334). — *Idem.*, 20, f. 30, 8 de abril de 1821.

(335). — *Idem.*, 19, f. 262, 1 de agosto de 1820.

(336). — *Idem.*, 18, f. 85 vs., 31 de janeiro de 1818.

(337). — *Idem.*, 18, f. 127, 21 de julho de 1818.

(338). — *Idem.*, 18, f. 131, 21 de julho de 1818.

(339). — *Idem.*, 19, f. 20, 22 de dezembro de 1818.

quebras, às vêzes, eram muito grandes e davam bastante prejuízo ao comerciante (340).

Às vêzes, mandava açúcar de um senhor de engenho para o Rio de Janeiro, a fim de indenizar-se de uma dívida do mesmo com a soma apurada nessas vendas. Certa ocasião, pede também a Proost que mande muito açúcar para o Rio de Janeiro, pois queria comprar 60 escravos (341). Os 20 ou 30 escravos encomendados a Lírio, em janeiro de 1820, e que estavam muito baratos no Rio de Janeiro, certamente também foram pagos com o dinheiro obtido da venda de açúcar (342). Além disso, enviava ao Rio, freqüentemente, produto de seu tio Eleutério da Silva Prado. Na correspondência há constantes referências a remessas de açúcar de Eleutério. Provavelmente, servia-se o tio de todo o mecanismo de exportação organizado por Antônio da Silva Prado a fim de remeter seu açúcar àquêlê pôrto, não ficando bem claro se se tratava sòmente de produção de seus próprios engenhos de Jundiáí, ou se, além disso, mantinha algum comércio com êsse produto. As referências a açúcar de Eleutério da Silva Prado são constantes, principalmente nos dois primeiros anos.

(Continua).

(340). — De certa feita, 59 sacos deram uma quebra de 99 arrôbas e 25 libras, tendo-se vendido no Rio sòmente 136 arrôbas e 7 libras. Antônio da Silva Prado pediu a Lírio para saber o que houve, verificando-se depois que não houve quebra, pois foram sacos de 2 e de 4 arrôbas (19, f. 323 10 de outubro de 1820; 20 f. 4, 20 de janeiro de 1821).

(341). — *Idem.*, 19, f. 63 vs., 13 de março de 1819.

(342). — *Idem.*, 19, f. 178, 11 de janeiro de 1820.